

LINGUAGEM MISÓGINA E INVISIBILIDADE DE GÊNERO EM INTERFACES DIGITAIS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA EXPERIÊNCIA DO USUÁRIO E DESIGN CENTRADO NO USUÁRIO

Cecilia Neves Silveira
Orientador André Schlemmer
Co-orientador Bruno Montanari Razza

CONTEXTO

As interfaces digitais não são canais neutros, mas dispositivos de poder que frequentemente perpetuam a invisibilidade feminina. Nesse sentido, o que ocorre é um apagamento sistêmico e histórico do protagonismo das mulheres na tecnologia. No design de interação, é possível ver, a partir de um estudo da UNESCO (2024), que assistentes virtuais são comumente projetadas sob arquétipos de submissão, o que contribui para a naturalização de relações de poder assimétricas e expõe personas femininas ao assédio. Esse cenário evidencia a presença de um sexismo algorítmico, no qual o design atua como vetor de reprodução de preconceitos socioculturais.

OBJETIVOS

Esta pesquisa propõe uma análise crítica da arquitetura de interação das assistentes Bia, do Bradesco, e Lu, do Magalu, com o objetivo de compreender como o Design Centrado no Usuário pode ser ressignificado de uma ferramenta predominantemente comercial para um mecanismo de resistência política. O foco central consiste em investigar os fluxos discursivos que permitem à Bia confrontar o assédio de forma assertiva, contrastando-os com o impacto da representatividade e do ativismo social promovido pela Lu. A partir dessa análise, o estudo busca estabelecer diretrizes transversais fundamentadas no framework de Design Justice, capazes de mitigar linguagens misóginas e garantir que sistemas conversacionais operem sob princípios de segurança, equidade e integridade para as usuárias.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, estruturada por meio de um estudo de caso múltiplo, fundamentado na Análise do Discurso de Foucault e Eni Orlandi e nas diretrizes da norma ISO 9241-210:2019. A metodologia, para além da superfície da interface, contempla a constituição de um corpus composto por transcrições de diálogos e documentos institucionais, visando à de-superficialização dos sentidos produzidos. Esse processo busca distinguir o silêncio constitutivo da comunicação do silenciamento opressor mediado pelo design. A análise é conduzida sob a perspectiva da ética digital, utilizando o levantamento de requisitos de segurança para avaliar como as decisões de design influenciam a agência ou a passividade das assistentes virtuais diante da violência de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados observados apontam para a desmistificação do chamado "mansplaining algorítmico", ao demonstrar que a configuração de respostas firmes e posicionadas, como observado no caso da Bia, pode interromper a lógica de servidão naturalizada. De acordo com a literatura, o design, quando orientado pela representatividade e pelo enfrentamento ao assédio, deixa de ser um recurso meramente funcional para se constituir como agente de transformação social, como ocorre com a Lu ao mediar canais de apoio no combate à violência doméstica. A discussão reforça a urgência de uma mudança de paradigma no UX, substituindo uma lógica de eficiência técnica descontextualizada por uma abordagem ética que reconheça e enfrente os vieses incorporados nos fluxos de interação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o design de interfaces constitui um campo de disputa discursiva, no qual a invisibilidade de gênero deve ser ativamente enfrentada. Não basta que a tecnologia seja funcional; é necessário que seja eticamente orientada para não reproduzir as violências do mundo social. A incorporação dos princípios do Design Justice nas práticas de interação possibilita romper com o silenciamento histórico, reposicionando as assistentes digitais como agentes de afirmação e autonomia feminina. Este estudo reafirma que o futuro das interfaces depende da capacidade de projetar sistemas que não apenas atendam ao usuário, mas que também protejam sua integridade simbólica e material, enfrentando criticamente as formas de misoginia inscritas no código e na linguagem.

REFERÊNCIAS

ABBATE, Janet. **Recoding Gender**: Women's Changing Participation in Computing. MIT Press, 2012.
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR ISO 9241-210:2024**: Ergonomia da interação humano-sistema. Rio de Janeiro: ABNT, 2024.
COSTANZA-CHOCK, Sasha. **Design Justice**: Community-Led Practices to Build the Worlds We Need. MIT Press, 2020.
D'IGNAZIO, Catherine; KLEIN, Lauren F. **Data Feminism**. MIT Press, 2020.
ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento do sentido. 6. ed. Campinas: Unicamp, 2007.
UNESCO. **Challenging systematic prejudices**: an investigation into bias against women and girls in large language models. Paris: UNESCO, 2024.

REALIZAÇÃO E APOIO